

CARACTERIZAÇÃO DA PESCA DO PIRARUCU NOS MUNICÍPIOS DE MANACAPURU, CARAUARI E TAPAUÁ¹

Tony Marcos Porto Braga²

RESUMO

Este estudo apresenta uma caracterização preliminar da pesca do pirarucu (*Arapaima gigas*) em três municípios amazonenses. Foram abordados aspectos da finalidade da pesca, conservação do pescado, ambientes de pesca e dedicação a esta atividade. Conclui-se que das três regiões estudadas, a região de Carauari foi a única onde o uso da rede de pesca é limitado na captura do pirarucu; este fato indica uma recuperação do estoque de pirarucú.

PALAVRAS-CHAVE

Arapaima gigas. Pirarucu. Pesca. Manejo.

ABSTRACT

In this study a preliminary characterization was made for the fisheries of pirarucu (*Arapaima gigas*) in three Amazonian municipalities, and the main aspects investigated were the methodologies for preservation, the use of fishing habitat, and time devoted to the activity, among others. It was noted that the area of Carauari municipality is the only one studied where the local community believes that there is a possible recovery of the stock of the resource. It is also the same area where gillnets are less used in the fishery of pirarucu.

KEY WORDS

Arapaima gigas. Pirarucu. Fisheries. Management.

¹ Trabalho financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, através do projeto: Avaliação multidisciplinar para implementação de um sistema de manejo de lagos visando à conservação do pirarucu em ambientes naturais do estado do Amazonas.

² Pesquisador do Programa Integrado de Recursos Aquáticos e da Várzea (Pyrá), Laboratório de Avaliação e Manejo da Pesca da Universidade Federal do Amazonas. (tony.braga@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O Pirarucu, *Arapaima gigas* é o maior peixe amazônico de escamas (NELSON, 1994; LI; WILSON, 1996), que pertence à família Arapaimidae; por sua vez é uma das espécies de maior importância comercial na Amazônia. Habita águas quentes (24° a 31°C) de diversos rios e lagos em países como: Brasil, Peru, Colômbia e Guiana. Seus estoques naturais atualmente mostram um decréscimo na abundância que se reflete na diminuição no volume de desembarques e no tamanho médio das mantas desembarcadas em alguns portos amazônicos (ISSAC *et al.*, 1993), levando muitos administradores de pesca afirmar que o recurso se encontra em situação de sobrepesca.

Alguns estudos confirmam que a maioria dos peixes desembarcados ao longo do eixo do Amazonas-Solimões se constitui de peixes jovens, conhecidos regionalmente por “bodecos” (QUEIROZ 1999; IMBIRIBA, 2001), o que indicaria uma sobrepesca por crescimento. Entretanto, essas informações não são suficientes para afirmar que a espécie esteja ameaçada. Devido ao decréscimo da produção no estado do Amazonas, a pesca do pirarucu encontra-se proibida por todo o ano; porém, o comércio ilegal continua ocorrendo.

Um dos grandes problemas para o manejo do pirarucu na Amazônia é a falta de informações sobre sua biologia em ambiente natural, a pesca, assim como das condições de vida do pescador. Como forma de contribuir com informações sobre esta importante espécie, o presente trabalho objetiva caracterizar a pesca, transporte, finalidade da captura (comercial, consumo) e a comercialização do pirarucu nas proximidades dos municípios de Carauari, Manacapuru e Tapauá, no estado do Amazonas.

MATERIAL E MÉTODOS

Para fazer um levantamento preliminar sobre a situação atual em que se encontra a pesca do pirarucu, no ano de 2004, foram realizadas três expedições para os municípios de Carauari, Manacapuru e Tapauá (Figura 1). A escolha dos municípios foi feita em comum acordo com técnicos do Ibama-Manaus que informaram da necessidade em se conhecer a realidade local da pesca do pirarucu nestas regiões e que as informações levantadas seriam utilizadas para a elaboração de futuras propostas para o manejo da espécie em estudo. Cada expedição durou uma semana, exceto a realizada pra Tapauá, que devido à dificuldade de deslocamento e custeio, foi realizada em barco do tipo recreio, durando aproximadamente 15 dias.

O levantamento das informações foi feito utilizando formulários semi-estruturados, que continham questões como: finalidade da pesca (qual é o destino das capturas consumo ou comercialização), formas de conservação do pescado, e caracterização dos ambientes de pesca. As informações coletadas em campo foram digitalizadas em banco de dados Access e analisadas através de estatística descritiva.

RESULTADOS

Foram aplicados um total de 156 questionários (89 em Manacapuru 37 em Tapauá e 30 em Carauari) distribuídos em 32 comunidades.

Entre 30 e 80% dos pescadores de cada uma das três regiões estudadas pescam pirarucu (Figura 2). Os pescadores da região de Carauari foram os que se destacaram com mais de 80% afirmando que capturam pirarucu. Nesta região o arpão ou aste foi o apetrecho mais utilizado para a pesca do pirarucu

UAKARI

Caracterização da pesca do pirarucu nos municípios de Manacapuru, Carauari e Tapauá

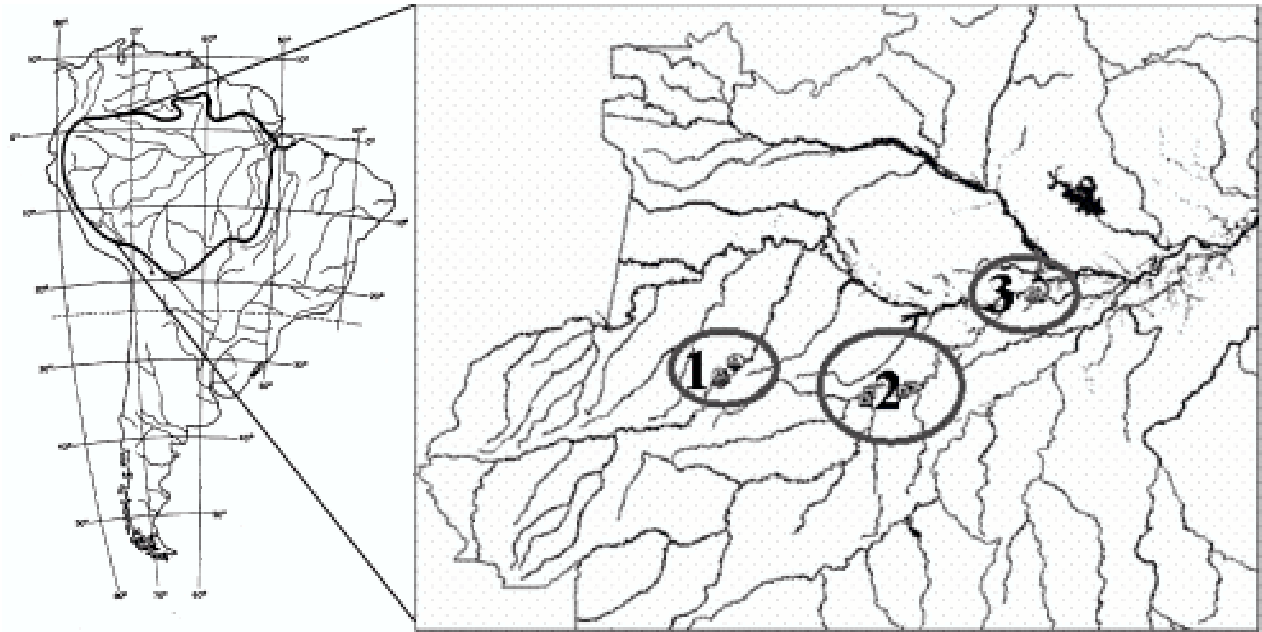


Figura 1. Mapa com os municípios visitados: 1 região de Carauari, 2 região de Tapauá e 3 região de Manacapuru.

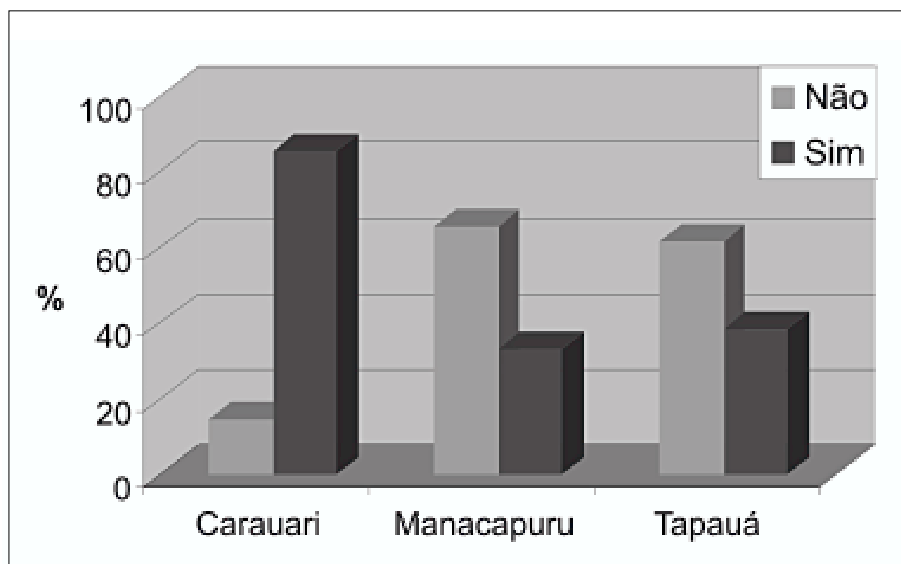


Figura 2. Porcentagem de entrevistados que afirmaram pescar pirarucu.

UAKARI

Caracterização da pesca do pirarucu nos municípios de Manacapuru, Carauari e Tapauá

(70%), nas demais regiões a malhadeira (50%) é o apetrecho mais utilizado, seguido do arpão (40%).

O lago é o local escolhido pela maioria dos entrevistados nas três regiões estudadas (80%). Entre 40 e 80% dos pescadores de cada uma das três regiões estudadas citam o capim no meio do lago como o ambiente preferencial para pescar o pirarucu (Figura 3)

Quanto à finalidade da pesca do pirarucu observou-se que na região de Tapauá se pesca com fins comerciais. Diferente, na região de Carauari se pesca pirarucu ao longo do ano e principalmente para o consumo (Figura 4).

Os pescadores de Carauari vendem o pirarucu na própria comunidade. Já os pescadores da região de Manacapuru e Tapauá possuíam diferentes opções para a venda do produto. O local de venda pode ser “na comunidade” e “direto ao consumidor”, uma vez que o consumidor pode ser da comunidade; o mesmo ocorre quando citaram o local de venda “comércio” que pode estar tanto na comunidade quanto na sede do município. Com relação ao comprador, a maioria dos entrevistados em Carauari informou vender direto ao consumidor, já nas outras duas regiões se tem diversos compradores (Figura 5).

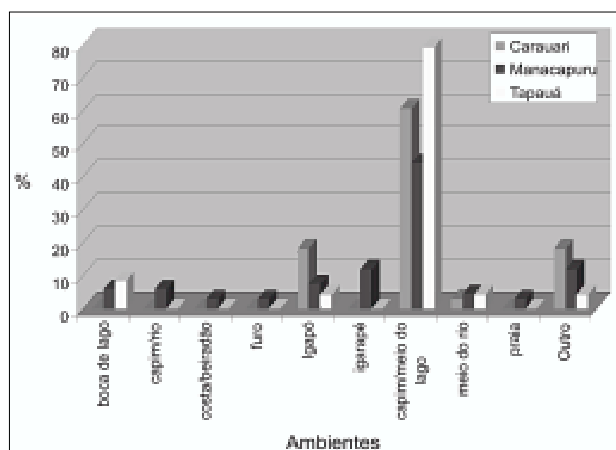


Figura 3. Ambientes preferidos na pesca do pirarucu.

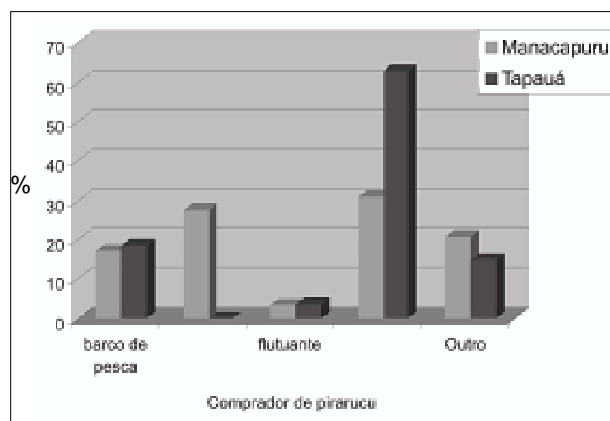


Figura 5. Principais compradores do pirarucu por região.

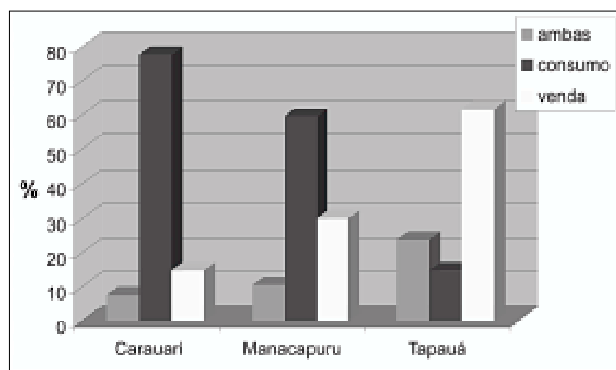


Figura 4. Finalidade da pesca do pirarucu.

Em relação ao modo de conservação do pescado, na região de Manacapuru se faz maior uso do gelo. De forma diferente, em Tapauá e Carauari a salga é forma de conservação predominante, junto com outras formas como ocorre em Carauari (Figura 6). Em relação às perdas nas capturas devido à deterioração do produto, na região da Carauari, onde se pesca com arpão, não se registraram perdas; já Manacapuru registrou baixa perda e por último Tapauá registrou valores acima de 50% de perdas (Figura 7).

UAKARI

Caracterização da pesca do pirarucu nos municípios de Manacapuru, Carauari e Tapauá

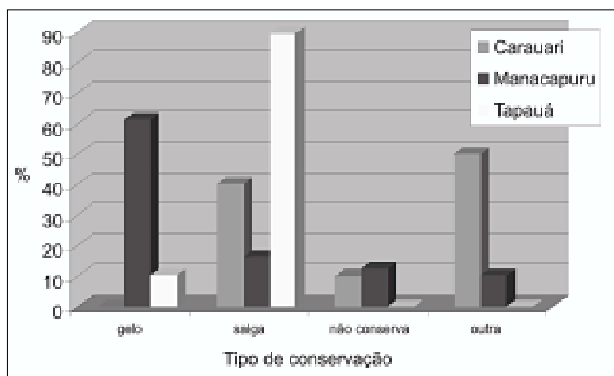


Figura 6. Tipo de conservação do pirarucu por região.

Para a região de Tapauá, onde se pesca com malhadeira, as maiores perdas e atribuem à presença de predadores principalmente ao jacaré (Figura 8).

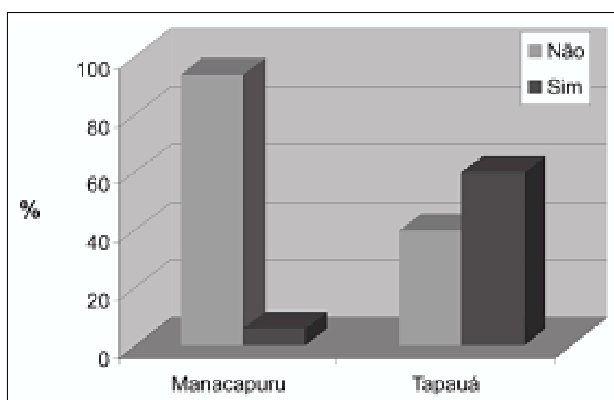


Figura 7. Ocorrência de perda do pescado por região.

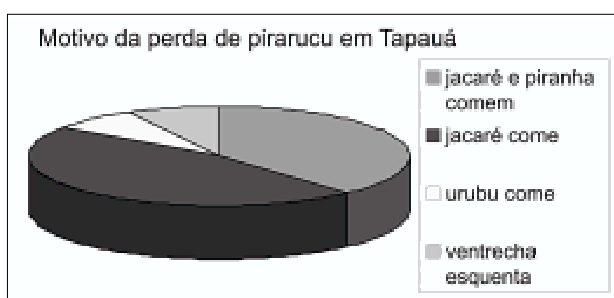


Figura 8. Motivos de perdas das capturas de pirarucu em Tapauá.

Com relação ao tipo de embarcação usada para a pesca, em todas as regiões a canoa de madeira é a mais usada. O barco de pesca, só foi citado para a região de Manacapuru, sendo usado para transportar o produto, da mesma forma que a "canoa de alumínio". Nas Três regiões a maior parte dos entrevistados (85%) informou serem proprietários da embarcação. Na região de Tapauá ocorre o maior uso de canoas emprestadas (cerca de 20%).

Na região de Carauari a atividade de pesca do pirarucu foi indicada "dia sim/dia não", ou seja, um dia pescam o pirarucu e no outro realizam outras atividades. Já nas regiões de Manacapuru e Tapauá a pesca é realizada todos os dias por 50% dos entrevistados, como se observa na Figura 9, pois saem para pescar outras espécies e "tentam a sorte" de ver pirarucu.

O número de pescadores por canoa teve um comportamento bem diferente para as três regiões. Em Carauari, a maioria pesca com 2 pescadores/canoa, já em Manacapuru os pescadores preferem "pescar sozinhos" e em Tapauá a maioria pesca com 3 pescadores/canoa (Figura 10). Na região de Tapauá, onde a maioria dos lagos possui "proprietários", muitos dos grupos de trabalho que efetuam a pesca do pirarucu são constituídos por amigos, diferente das outras regiões foram observadas conformações de grupos de parentes (Figura 11).

Em relação a atual situação dos estoques de pirarucu, somente na região de Carauari registrou-se um aumento na quantidade e no tamanho médio de pirarucus na região (Figuras 12 e 13). De forma diferente, para os municípios de Manacapuru e Tapauá a maioria dos entrevistados informou que a quantidade e tamanho médio dos pirarucus estão diminuindo.

UAKARI

Densidades de pirarucu em lagos das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã

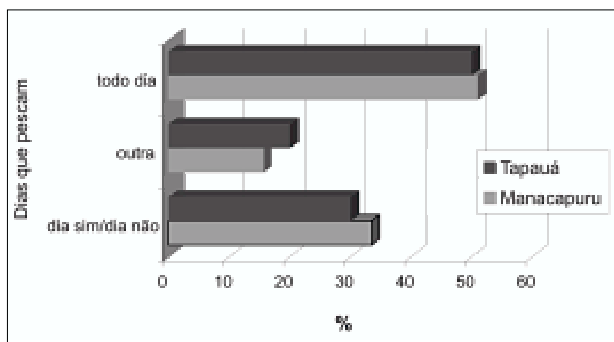


Figura 9. Proporção de dias usados na pesca do pirarucu.

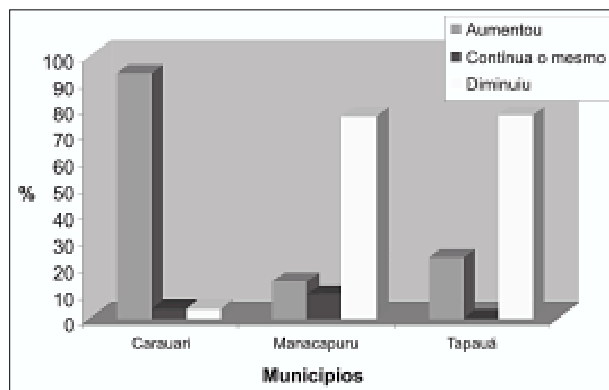


Figura 12. Quantidade de pirarucus observados nos últimos anos.

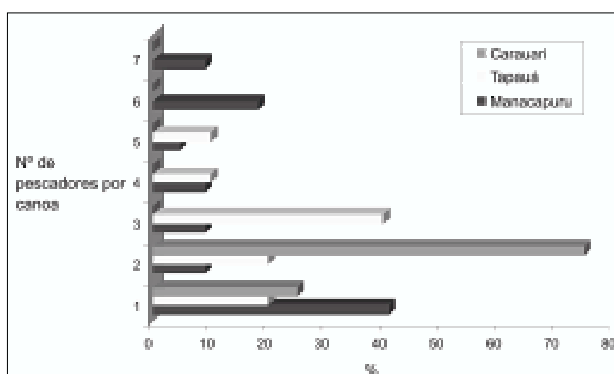


Figura 10. Número de pescadores por canoa na pesca do pirarucu.

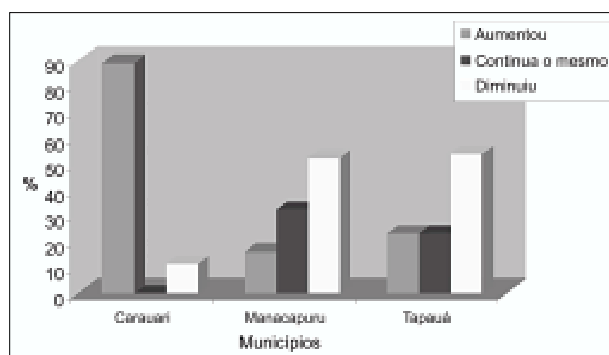


Figura 13. Tamanho dos pirarucus observados nos últimos anos.

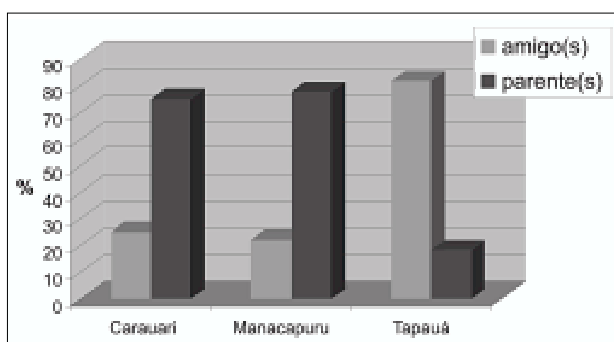


Figura 11. Tipos de relacionamentos entre pescadores de pirarucu.

DISCUSSÃO

O tipo de apetrecho de pesca é determinante na manutenção do estoque de pirarucu. Na região de Carauari onde o arpão é o aparelho mais utilizado na pesca do pirarucu, é justamente onde se tem efeitos positivos na manutenção dos estoques. Ao respeito, Queiroz e Sardinha (1999), indicam que na RDS Mamirauá, o método de abate artesanal, com uso do arpão, continua praticamente o mesmo. Desta forma, os habitantes locais acreditam que a redução na produção de pirarucu na região no passado foi provocada pelo uso disseminado de redes na pesca.

Segundo Imbiriba (2001), a redução dos estoques de pirarucu na Bacia Amazônica é consequência principalmente do uso indiscriminado de malhadeiras. Não há, entretanto, nenhum registro histórico que possa atestar esta redução, nem relacioná-la à introdução das malhadeiras (QUEIROZ; SARDINHA, 1999). Se as informações obtidas neste estudo que indicam uma a redução dos estoques em ambientes naturais concomitante ao uso de redes de pesca, é preocupante a situação vista em Manacapuru e Tapauá onde, apesar dos comunitários perceberem uma diminuição da quantidade e tamanho dos exemplares capturados, existe a persistência na pesca com redes de espera.

Com exceção da região de Carauari, onde os comunitários afirmam que está ocorrendo a recuperação dos estoques de pirarucus, nas outras duas regiões estudadas os comunitários afirmaram a dificuldade em conseguir pescar o pirarucu.

Diversos autores citam que a produção de *Arapaima* na Amazônia vem sendo reduzida drasticamente e, em algumas regiões os estoques já estariam comprometidos (GOULDING, 1979; LOWE-MACCONNELL, 1987; ISSAC *et al*, 1993; IMBIRIBA, 2001). Por sua vez, o fato da região de Carauari estar inserida numa RESEX (Reserva Extrativista do Médio Juruá, criada pelo governo federal em março de 1997) e uma RDS (Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Uacari), criada pelo governo estadual em junho de 2005, pode ser um fator que mudou a forma de pensar dos comunitários de Carauari onde se registrou uma recuperação do estoque.

Estas reservas podem ser um dos fatores que estejam influenciando na possível recuperação dos estoques de pirarucus nesta região. Isto deve ser levado em consideração em futuras propostas de

manejo, uma vez que nesta região ocorre uma maior fiscalização à nível federal e estadual, o que poderia estar dificultando a comercialização do recurso, mesmo sendo capturado durante o ano todo já que o maior objetivo de sua captura nesta região é o consumo.

REFERÊNCIAS

- GOULDING, M. 1979. **Ecologia da pesca no rio Madeira**. CNPq/INPA. Manaus. 172 p.
- IMBIRIBA, E. P. 2001. **Potencial de criação de pirarucu, *Arapaima gigas*, em cativeiro**. Acta Amazônica 31 (2): 299-316.
- ISAAC, V.J., ROCHA, V.L.C., MOTA, S. 1993. Considerações sobre a legislação da "Piracema" e outras restrições da pesca da região do médio Amazonas. In: **Povos das Águas: realidade e perspectivas na Amazônia**. Orgs. Lourdes Gonçalves Furtado, Wilma Leitão e Alex Fiúza de Mello. - Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi. 187-211p.
- LI, G. Q. & WILSON, M. V. H. 1996. Phylogeny of Osteoglossomorpha. In: **Interrelations of Fishes**. Ed. Melanie L. Stiassny; Lynne R. Parenti e G. David Johnson. Academic Press, Inc. San Diego, California/USA. pp. 163-174
- LOWE-McCONNELL, R.H. 1987. **Ecological Studies in Tropical Fish Communities**. Cambridge University Press, Cambridge. 382 p.
- NELSON, J. S. 1994. **Fishes of the World**. 3ªed. Ed. John Wiley e Sons. Inc. New York/ USA. 600p.
- QUEIROZ, H. L. & A. D. SARDINHA. 1999. A preservação e o uso sustentado dos pirarucus em Mamirauá. Pages 108-141 in H. L. Queiroz and W. G. R. Crampton, editors. **Estratégias para o manejo de recursos pesqueiro em Mamirauá**. Sociedade Civil Mamirauá / Ministério de Ciência e Tecnologia / Conselho Nacional de Pesquisa, Brasília.
- SANTOS, G. M.; EFREM, J. G. F. & ZUANON, J. A. S. 2006. **Peixes comerciais de Manaus** / Geraldo Mendes dos Santos, Efrem J. G. Ferreira, Jansen A. S. Zuanon. Manaus: Ibama/AM, Provárzea.